

EDITORIAL

Este número apresenta seis artigos que cobrem diversos tópicos de pesquisa que reúnem antropologia social, história, arte, e ciências sociais de maneiras inovadoras. O primeiro artigo, “O amazonismo acriano e os povos indígenas: Revisitando a história do Acre”, de José Pimenta, discute uma nova versão de Amazonismo na Amazônia Ocidental atual, que tem reproduzido antigos estereótipos sobre os povos indígenas. Seguindo uma preocupação similar, Eremites de Oliveira, em “Arqueologia de Contrato, Colonialismo Interno e Povos Indígenas no Brasil”, chama a atenção para as consequências funestas que a arqueologia de contrato tem tido sobre as reivindicações indígenas sobre seus territórios tradicionais no centro-oeste brasileiro. Infelizmente, esse tipo de problema pode acontecer quando a arqueologia é praticada sem uma base antropológica. No artigo “Agência indígena e colonialismo: uma arqueologia de contato sobre a produção de azeite de tartaruga no Orinoco Médio, Venezuela (Séculos XVIII e XIX)”, Elis Meza e Lúcio Menezes Ferreira examinam um acaso de contato cultural durante os períodos colonial e republicano na Venezuela. Observando a exploração de óleo de tartaruga pelos jesuítas e crioulos, eles discutem controle social e agência, assim como o papel ativo que os povos indígenas exerceram naquele contexto. Unindo arte e ciências sociais, especialmente antropologia, John Fletcher, Agenor Sarraf, e Ernani Chaves debatem, em três “Conversações entre Artes e Ciências Sociais nos Limites do Contemporâneo”, operações estéticas em sociedades complexas, baseando-se nas cadeias teóricas do Pós-modernismo,

filosofia e sociologia, Antropologia pós-moderna e premissas pós-coloniais e de-coloniais. Filosofia, antropologia e literatura também se encontram no artigo que analisa o romance *Ribanceira*, de Dalcídio Jurandir - “Filosofia, antropologia e reportagem em ribanceira: Considerações sobre o desviver na Amazônia de Dalcídio Jurandir”. Aqui, Edilson Pantoja da Silva propõe que existem similaridades etnográficas entre os livros contemporâneos de Eduardo Galvão e Charles Wagley, ambos ambientados em Gurupá. Karine Narahara oferece um relatório de pesquisa deveras interessante sobre o Seringal Porongaba, no Acre, mostrando que vários fatores culturais foram decisivos na escolha de famílias em deixar ou não o seringal, com a decadência da economia da borracha.

Este número traz ainda dois ensaios fotográficos, cinco resenhas de livros, e cinco resumos de teses e dissertações.

Nós gostaríamos de lembrar a todos que Amazônica recebe contribuições durante todo o ano e que os artigos e relatórios de pesquisa são publicados tão logo aprovados pelos pareceristas, no volume seguinte. As editoras avaliam as demais contribuições, tais como traduções de artigos, ensaios fotográficos, resenhas e resumos.

Desejamos a todos que tenham prazer em ler este número!

Denise P. Schaan
Jane F. Beltrão
Editoras